

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ SOB A PERSPECTIVA DO FEMINISMO

Mariana de Oliveira Chauvin

Rio de Janeiro

2023

MARIANA DE OLIVEIRA CHAUVIN

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ SOB A PERSPECTIVA DO FEMINISMO

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de
Bacharel/Licenciado em Letras na
habilitação Português – Literaturas de
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Gutiérrez

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na

C511s Chauvin, Mariana
Sor Juana Inés de la Cruz sob a perspectiva do
feminismo / Mariana Chauvin. -- Rio de Janeiro,
2023.
31 f.

Orientador: Rafael Gutierrez.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. literatura hispano-americana. 2. sor juana.
3. feminismo. 4. respuesta a sor filotea . I.
Gutierrez, Rafael, orient. II. Título.

Publicação

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MARIANA DE OLIVEIRA CHAUVIN

DRE 114180130

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português – Literaturas de Língua Portuguesa.

Data da avaliação: _____/_____/_____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Gutiérrez – UFRJ

Presidente da Banca Examinadora

NOTA: _____

Prof. Dra. Helena C. Palmero González -UFRJ

Leitor Crítico

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinatura dos Avaliadores: _____

SUMÁRIO

- **INTRODUÇÃO**
- **1. SOR JUANA**.....
 - 1.1 O desejo pelo saber desde a infância**
 - 1.2 A vida na corte**
 - 1.3 O ingresso no convento**
- **2. CARTA A SOR FILOTEA DE LA CRUZ**.....
- **3. O FEMINISMO EM SÓR JUANA**
- **CONSIDERAÇÕES FINAIS**
- **REFERÊNCIAS**

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia ao meu filho Henrique, que é a razão de todo meu esforço e dedicação, e ao meu companheiro Marcelo, que sempre me incentivou e me serviu café em dias turbulentos.

*“No estudio por saber más, sino por
ignorar menos”.*

Sor Juana Inés de la Cruz

INTRODUÇÃO

O principal marco do Feminismo surgiu na Europa, no século XIX, durante a revolução francesa (1789) em que a “*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*” foi refutada, posteriormente, pela feminista francesa Olympe de Gouges em 1791 como “*Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*” onde ela criticou duramente a Declaração da Revolução, pois aplicava-se somente aos homens e também advertia acerca da autoridade masculina, bem como salientava acerca da importância da mulher e a necessidade de direitos iguais.

Olympe foi executada em Paris, no dia 3 de novembro de 1793, e sua morte serviu como um marco do feminismo no mundo e conseqüentemente impulsionou o movimento feminista.

Acontece que o feminismo é quase sempre visto como algo mais contemporâneo, batalhado e conquistado por mulheres do século XIX e XX. Mas ao analisarmos determinadas figuras femininas de séculos anteriores aos já citados, fica claro que o feminismo nasce enraizado em algumas mulheres sem que sequer elas tenham feito parte dessa luta histórica, sem que sequer tivessem pertencido ao movimento de fato.

A figura feminina foi construída debaixo das diretrizes da sociedade patriarcal, onde a mulher estava restrita ao casamento, aos afazeres domésticos e à procriação e cuidado dos filhos. De modo que as mulheres não possuíam o direito básico de ter acesso aos estudos, sequer aprendiam a ler e escrever, e não tinham poder algum de escolha sobre suas próprias vidas.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo traçar o perfil de Sor Juana Inés de La Cruz sob o aspecto feminista, antes mesmo que o movimento feminista tivesse acontecido, em vista que Sor Juana foi uma mulher à frente do seu tempo, o que a tornava uma feminista por natureza.

Desde a infância em que o desejo pelos estudos era algo forte dentro de si até seus dias finais, Sor Juana viveu como uma legítima feminista que não aceitava as imposições ditadas às mulheres em seu tempo e por conta disso criou maneiras de driblar o sistema patriarcal que cerceava as mulheres das coisas mais básicas e a imputava o casamento como uma regra quase sem escapatória.

Também será abordado neste trabalho a carta “*Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*”, tendo em vista que é uma resposta completa, com várias referências biográficas e traços da força de uma mulher que não se conformava com aquilo que lhe era imposto, de modo que merece um olhar mais profundo e analítico para que possamos compreender amplamente a vida e as motivações de Juana.

Também será abordado o feminismo na América Latina, em seu panorama geral, a fim de compreender sua origem e potência para além da Europa; bem como para salientar a importância e legado da freira mexicana que rompeu com os padrões sexistas de sua época e conseguiu, de certo modo, escrever sua própria história fazendo aquilo que lhe aprazia, mesmo que desagradasse boa parte da sociedade em que estava inserida.

1. SOR JUANA

Conhecida como “A Décima musa” foi filósofa, dramaturga, freira e uma das melhores poetisas do Barroco no Século de Ouro. Nascida em 1651 na cidade de San Miguel Nepantla. Apesar de ser filha ilegítima, viveu sua infância junto com a mãe na fazenda de seu avô paterno.

Dorothy Schons (1926) afirmou que “A biografia de Sor Juana ainda está por ser escrita” e cinquenta anos após essa afirmação, Octavio Paz reafirma que a situação ainda não havia mudado. E isso ocorre por conta de dois séculos de esquecimento, além da perda de muitos manuscritos e correspondências, que seriam fundamentais para traçar uma biografia mais profunda e densa sobre a vida de Sor Juana.

Sendo assim, para aprofundar-se na vida de Sor Juana os textos básicos são a carta endereçada ao bispo Puebla e a biografia escrita pelo jesuíta Diego Calleja; além de documentos jurídicos e religiosos, tais como certidão de batismo, testamento, contratos de compra e venda, profissão da fé e outros escritos dessa natureza.

Apesar desses textos biográficos e de alguns documentos, ainda há muitas lacunas sobre a vida de Sor Juana. As duas principais lacunas são: quais foram as razões que a levaram a tornar-se freira e quais foram as razões que a levaram a renunciar às letras, justamente no momento em que atingiu o amadurecimento intelectual e poderia produzir mais textos. Outras questões mais densas também ficaram sem respostas e necessitam de mergulhos mais profundos para que sejam melhor compreendidas, mesmo que de maneira não tão exata e de modo mais especulativo.

A ausência do pai é algo que parece ser um grande tormento para Sor Juana, os amores no período em que esteve na corte também são vagos, bem como sua orientação sexual, em que muitos acreditam que fosse lésbica, mas nada pode ser elucidado com certeza absoluta, já que Sor Juana parecia apreciar o véu que recobria sua vida e a mantinha distante do acesso de curiosos. Octavio Paz (2017, p. 83) descreve bem:

Sor Juana não foi só um temperamento eminentemente racional; ela colocou seus dotes intelectuais a serviço da análise de si própria. Essa atitude autorreflexiva a distingue radicalmente dos demais poetas de seu século. Basta pensar em outro grande poeta intelectual de sua época e que foi um de seus

modelos: Calderón. Temperamento especulativo, Calderón constrói torres de razões e conceitos; Sor Juana cava minas e galerias interiores.

Paz ainda salienta que para compreendermos melhor a personalidade de Sor Juana não podemos ignorar as circunstâncias sociais e históricas que a cercaram, pois somente olhando o todo poderemos compreender, de modo mais abrangente, essa figura tão emblemática que vive envolta aos mistérios dessas lacunas sem respostas. E mesmo que tenhamos um olhar criterioso e pormenorizado, talvez sequer assim consigamos compreender todos os mistérios que cercaram Juana.

Paz defende que o caráter masculino da cultura e do mundo em que ela vivia forçaram Juana a masculinizar-se, em vista que ela vivia em uma civilização de homens e para homens, e sem que houvesse o apelo à masculinidade, a mulher não poderia ter acesso ao saber. Sor Juana parecia saber bem que a vida que ela almejava estava restrita aos homens e assim, aos 16 anos, suplicava à mãe que pudesse transfigurar-se de homem para que assim pudesse ingressar na universidade. Com a negativa da mãe, diante de sua suplica, o que lhe restou foi continuar os estudos como autodidata.

Em 1656, após a morte de seu avô, com cerca de oito ou dez anos, ela parte para a Cidade do México, lá foi acolhida pela tia materna María Ramírez e seu marido, Juan de Mata, que era um homem de posses. Octávio Paz destaca que o ano de 1656 foi de grande impacto na vida de Sor Juana, pois é o ano que seu avô desaparece e surge seu meio-irmão, Diego. Sendo assim a morte do avô e a presença de um novo amante na vida de sua mãe definiram sua saída de casa de maneira tão prematura.

Ao viver longe de casa, de sua mãe e irmãs, Sor Juana desenvolveu ainda mais sua personalidade introspectiva e voltada aos estudos. Por mais afetuosa que tenha sido a relação com os tios, estar longe de casa nunca é algo fácil de lidar, sobretudo na infância, em que precisamos da proteção, criação e afeto parental. Essas ausências moldaram-na em uma mulher retraída, que buscava nos livros um escape da vida real. Era na literatura que Juana encontrava preenchimento para tantos vazios que se formaram em seu interior, somente com o saber é que ela podia suprir, de certo modo, as necessidades que sentia dentro de si.

Esse desejo pelo saber a moldaram em uma personalidade feminina diferente daquilo que estava predestinado para a qualquer mulher de seu tempo. E também proporcionaram vivências e experiências distintas, tais como: uma vida na corte e seu ingresso no convento.

1.1 O DESEJO PELO SABER DESDE A INFÂNCIA

O pouco que se sabe a respeito de sua infância pode ser vislumbrado na carta *Respuesta*, enviada ao bispo de Puebla e em alguns de seus outros escritos. E desde sempre a curiosidade intelectual foi seu motriz: com apenas três anos de idade convenceu a professora de sua irmã mais velha que também lhe ensinasse as lições. Aos seis anos já sabia ler e escrever. E nessa idade já suplicava à mãe que a mandasse à universidade vestida de homem, pois já sabia a essa altura que o estudo era algo destinado aos homens, enquanto o casamento e filhos estava destinado às mulheres. Sabendo que seu pedido era algo totalmente fora da realidade, não se deixou abater e conformou-se em continuar estudando e lendo na biblioteca do avô. Sor Juana afirmou que o avô possuía “muitos livros variados” e todos foram lidos por ela “sem que bastassem castigos nem repreensões para atrapalhar” (CRUZ, Sor Juana de la, 1961, p.5). De acordo com Octavio Paz (2017) a confissão que Sor Juana faz da relação dela e do avô, apesar de pequena, é valiosa pois assume a forma de uma espécie de iniciação intelectual.

O gosto pela leitura permitiu que ela se transportasse para um mundo distante da sua realidade dentro de casa, um mundo distante de sua mãe e irmãs, um mundo masculino, em que o acesso das mulheres era negado. Afastando-se da realidade através de suas leituras, ela passa a morar na casa da linguagem e essa será sua morada por longos anos de sua vida.

Quase nada é dito a respeito do feminismo na infância ou em que idade ele desabrocha dentro da mulher. A verdade é que em sua grande maioria muitas mulheres são machistas e atribuem obrigações às mulheres porque foi doutrinada a pensar dessa maneira, de modo que podemos fazer uma analogia a celebre frase de Simone Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Sendo assim, não se nasce feminista, é preciso tornar-se feminista.

O que podemos perceber é que algumas mulheres, inseridas dentro de uma sociedade e de um lar patriarcal, geralmente desenvolvem na primeira infância uma certa repugnância à figura masculina e à submissão da mulher diante dessa figura, algo que faz essa menina, desde muito nova, ter aversão à ideia de casar e/ou ter filhos. Algo que muito provavelmente ocorreu à Juana, cresceu em um lar com uma mãe infeliz, sem o apoio do

pai de seus filhos, provavelmente encarando diversas dificuldades para fornecer o básico para que seus filhos sobrevivessem, bem como tendo que submeter-se a certas humilhações, que ocorrem frequentemente quando uma mulher, sozinha, precisa criar seus filhos dando-lhes o mínimo de dignidade possível.

Em algumas meninas, desde cedo, é possível perceber a inquietação diante do mundo e sua imensidão, a curiosidade é mais pulsante, ela nunca está satisfeita em não saber, há um desejo insaciável pelo conhecimento e quase sempre, esse perfil de menina, é rejeitado pela sociedade, inclusive pela própria mãe. Essa menina cresce ouvindo reprimendas, como se a curiosidade fosse uma traquinagem não pertencente ao seu gênero. Em algumas situações essa menina poderá ser castigada e cresce ouvindo que ela precisa casar e ter filhos, como se um marido e filhos fossem a salvação dessa alma feminina inquieta.

Juana provavelmente cresceu debaixo desse estigma que mulheres foram feitas para casar e reproduzir, e talvez ouvisse isso como uma sentença terrível, pois Juana sabia que diante dessa imposição ela precisaria deixar de lado o gosto pelo saber e o mergulho em suas leituras. Ela cresceu sendo um ponto fora da curva extremamente inteligente e foi essa inteligência que permitiu-lhe viver a vida que escolhesse para si, mesmo que fosse viver enclausurada em um convento. Somente o poder de escolha já era uma enorme ruptura. Juana possuía dentro de si a força e a inconformidade que alimenta o feminismo até os dias de hoje, bem como, na condição de mulher, ser capaz de definir seu próprio destino e não submetendo-se ao construto social.

1.2 A VIDA NA CORTE

Em 1664, após cerca de oito anos vivendo com seus parentes, Juana foi levada ao palácio do vice-reino e foi apresentada à vice-rainha Leonor Carreto, marquesa de Mancera. Sua inteligência aguda, bem como sua beleza – e talvez seu desamparo na vida por parte de sua família – impressionaram de imediato a marquesa, que a admitiu em seu serviço com o título de *“muito querida da senhora vice-rainha”*.

Leonor Carreto, assim como Juana, possuía paixão pelas letras e era uma personalidade incomum, fato esse que talvez explique o interesse e a proteção que devotou a Juana tão prontamente.

Quando chegou à Nova Espanha, Leonor tinha pouco mais de trinta anos e Juana era cerca de quinze anos mais jovem. Mesmo diante da diferença de idade entre as duas, a relação de amizade era tão forte que a vice-rainha não vivia um instante sem a presença de Juana.

E essa relação muito se deu pela inteligência aguçada de Juana, que despertava enorme admiração; além do fato de ser uma jovem discreta e companhia agradável, provavelmente Leonor sentia compaixão pelo fato de Juana ser uma jovem desamparada, que estava à própria sorte no mundo. E com toda certeza o fato de ambas serem mulheres incomuns em seu tempo, que possuíam afã pelo saber e necessidade de absorver o máximo de conhecimento possível, distante da futilidade que normalmente permeava a figura feminina, foi o laço que as uniu. Almas compatíveis são raras e ambas sabiam bem disso e agarram-se uma à outra, pois assim seria mais fácil a jornada que percorreriam.

Octavio Paz (2017) delinea bem a relação de amizade entre Leonor e Juana:

A literatura e a história nos deixaram testemunhos de amizades célebres masculinas cujo eixo foi a paixão comum pelas ideias, artes ou ciências. Mas essa experiência, uma das mais elevadas a que se pode aspirar, não é exclusividade masculina: a relação que uniu essas duas mulheres, tingida de mútua admiração, foi uma dessas amizades espirituais. Amizade impregnada – ao menos em suas expressões escritas – de um exaltado platonismo misturado a homenagens de submissa delicadeza. Aliança estranha para nós, mas frequente naquela época, entre os sentimentos de real e gratidão que deve ter sentido Juana Inés e a afinidade sentimental e espiritual, não menos real, que unia as duas mulheres. Esses sentimentos de amizade amorosa se legitimavam, por assim dizer, graças às convenções filosóficas e literárias herdadas do neoplatonismo renascentista. (p. 41)

Ou seja, mesmo naquele tempo as mulheres sabiam que podiam e deviam contar umas com as outras, como em uma irmandade elas se unem através daquilo que tinham em comum e não se desgrudavam jamais.

Para Dora Barrancos (2022) a mulher foi modelada exclusivamente para a procriação e cuidado, dentro do sistema patriarcal. Além de ser atribuída pouca inteligência às mulheres, o que era algo positivo pois delimitava os campos do conhecimento de modo que não pudessem lesionar à sociedade, pois estavam restritas até certo ponto. Dora reforça que a ousadia de mulheres feministas foi importante pois indicava caminhos e animava outras mulheres a romper com a predestinação que lhes era imputada. E talvez tenha sido essa a ousadia da vice-rainha em acolher com tanto afincamento Juana, pois era preciso reforçar que suas escolhas estavam certas, era preciso acolher essa mulher tão inteligente, mas por vezes tão solitária e também era preciso absorver todo o conhecimento que transbordava de Juana. Essas duas mulheres se acolheram e compartilharam, pois sabiam que estavam diante do extraordinário. E mesmo antes do movimento feminista, elas já eram feministas em seu tempo, à sua maneira.

A vida na corte durou entre os dezesseis e os vinte anos de idade, anos esses que são fundamentais no desenvolvimento e formação da mulher. Ali Juana desfrutou de festas,

saraus e cerimônias, o que lhe rendeu poemas nos quais podia descrever as festas e os bailes do palácio com precisão, não porque ouviu falar sobre, mas sim porque ela estava lá e pode vivenciar todas essas experiências, de modo que pôde escrever com propriedade. Mesmo após seu ingresso no convento, Juana recebia a visita dos vice-reis e de sua amiga tão estimada Leonor. A flexibilidade do convento em que professou permitia que as freiras recebessem visitas. Elas podiam conversar, discutir, compor e recitar poemas, além de cantar e tocar música profana.

1.3 O INGRESSO NO CONVENTO

Aos dezenove anos de idade, no auge do saber que conquistou a admiração da corte, Juana decide tornar-se noviça no convento de San José de las Carmelitas Descalzas. Por conta da severidade da ordem, ela desiste e retorna à corte, somente após ter passado três meses no convento das Carmelitas. Porém, mesmo com a rigidez das regras que encontrou nas Carmelitas, Juana não desistiu de sua ideia e, em 24 de fevereiro de 1669, ela decide professar definitivamente, desta vez em uma ordem conhecida pela flexibilidade e disciplinas mais brandas. E assim Juana vestiu o hábito aos vinte e um anos de idade no convento de San Jerónimo.

Essa tomada de decisão não foi simples, foi preciso pensar muito e Juana hesitou e até mesmo chegou a desistir em sua primeira tentativa. Mas isso só reforça seu caráter feminista em ser a única responsável pelo seu próprio destino, mesmo que desagrade quem estiver por perto. Juana era dona de si e mesmo quando não sabia com certeza absoluta o que queria e para onde iria, ela parecia encontrar um jeito de segurar as rédeas de sua vida e seus ideais, baseado sempre naquilo que lhe aprazia.

Todos os estudiosos da figura de Sor Juana Inés tentam compreender quais razões a levaram abandonar sua prodigiosa vida como escritora, cercada de admiração, para trancar-se em um convento. E não há uma resposta certa para esse questionamento. Há somente hipóteses. A hipótese mais comum é que houve um amor infeliz na vida de Juana e com isso ela decidiu largar sua vida na corte e se enclausurar no convento. Paz (2017) não descarta por completo essa hipótese, porém adverte que a imagem tradicional do amor e o amor como obstáculo, acabou por se transformar em um erro crítico, pois acabaram lendo os textos barrocos com olhar romântico. Também afirma que provavelmente Juana tenha se apaixonado ou acreditado estar apaixonada, algo totalmente comum na idade em

que viveu na corte; mas desacredita que esses possíveis amores tenham sido o motivo real que a levaram a profissão de fé. Ademais, Juana não possuía o mínimo para se casar: dote, nome e pai. E também ela nos diz em “*Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*” que não sentia inclinação para o matrimônio; então por que tentar achar um motivo que pareça mais plausível do que simplesmente aceitar o fato cru que ela apenas não queria? Por que parece absurdo, para a sociedade, mesmo nos dias atuais, que uma mulher não queira casar e ter filhos? E Juana pertence à classe de mulheres que tem uma agudeza no espírito e fogem daquilo que lhes dizem que é uma obrigação ou daquilo que parece ser o previsível quando se trata do gênero feminino.

Juana era de fato católica e devota fervorosa, não se pode questionar isso. Mas em seu tempo a vida religiosa não era somente um chamado divino, mas também uma ocupação como outra qualquer. Bem como uma espécie de escape que recorriam quando estavam sozinhas no mundo e/ou sem fortuna, tanto é que a Igreja acolheu diversos escritores e artistas no geral ao longo de vários períodos na história. No caso de Juana a pobreza, a falta do pai e de um nome contribuíram para sua profissão de fé, mesmo não sendo com certeza absoluta a causa determinante de sua decisão, mas com toda certeza pesaram e contribuíram para sua decisão.

No convento de San Jerónimo as freiras levavam uma vida quase que particular, cada uma vivia em sua cela e lá cozinhavam, trabalhavam e rezavam. Nos anexos do convento também havia um colégio para meninas, que geralmente funcionava como internato dos sete anos até o fim da vida escolar. Esse colégio era famoso por suas aulas de teatro, dança e música, e Sor Juana participava das atividades de música e teatro.

Apesar da rotina monótona do convento, em que certas obrigações deveriam ser cumpridas rigorosamente, para Juana o convento funcionava como extensão da biblioteca de seu avô, ali era podia afastar-se do mundo através de suas leituras, podia desbravar o conhecimento de todos os modos, que era o que lhe dava prazer. Nas horas vagas, que por sinal eram muitas, Sor Juana dedica-se para ler, escrever e estudar. Era uma leitora voraz que não perdia tempo com aprofundamento dos temas, mas sim com a diversidade, como se tivesse pressa em consumir o máximo de assuntos que fosse capaz de ler. Além de escrever massivamente sobre diversos assuntos.

Podemos perceber sua magnitude com Paz (2017, p. 159-160):

A avidez de Sor Juana pela comunicação escrita revela certo oportunismo, uma ânsia imoderada para conhecer e ser conhecida. Vaidade, sim, mas também solidão. Aflição, asfixia: o convento era limitado para ela, o país também. Mais: o próprio

... mundo. Seus verdadeiros contemporâneos não estavam nem em Madri, nem em Lima, nem no México, mas naquela Europa de fins do século XVII que se preparava para inaugurar a era moderna e à qual a Espanha dera as costas...

Fica claro que em qualquer lugar que Juana fosse seria pequeno para sua grandiosidade. Sua época estava aquém daquilo que almejava, por mais que extraísse o melhor de onde fosse, por mais que arrumasse sempre um jeito de fazer aquilo que amasse, sempre haveria um incômodo para lhe afligir.

2. RESPOSTA A SOR FILOTEA DE LA CRUZ

Em 1690 Juana redige a “*Carta Atenagórica*” sob encomenda de um religioso, sendo seu conteúdo uma crítica ao sermão de mandato do padre Antônio Vieira. A *Carta* foi elaborada como uma correspondência privada, já que mulheres não podia expor suas posições publicamente, sobretudo no que tangia a teologia. Então esse religioso não somente publica a *Carta*, como também anexa um prólogo que contém alguns elogios e várias recriminações acerca do texto de Juana. O prólogo foi assinado pelo pseudônimo feminino Sor Filotea de La Cruz e não havia somente críticas ao conteúdo teológico da *Carta*, mas também havia críticas a respeito da figura pessoal de Juana Inés, levando em consideração que ela já era detentora da fama de intelectual e escritora.

Atenagórica significa digna da sabedoria de Atena e Juana com certeza não somente se achava digna, como de fato era digna dessa sabedoria proveniente dos deuses, mesmo em sua condição de mulher que a restringia àquilo que era relativo ao saber.

A “*Carta Atenagórica*” foi extremamente polêmica, algo que talvez Juana e o Bispo de Puebla pudessem prever, mas que não os deteve em escrever e publicar. Houve inúmeras respostas à “*Carta Atenagórica*” devido ao seu conteúdo, sendo algumas dessas respostas violentas mesmo para Juana que estava habituada a sofrer com ataques por ser uma mulher repleta de ideias consideradas subversivas em seu tempo. Ainda assim, a violência empregada em críticas não foi capaz de calar Juana. Mesmo que a violência das palavras empregadas contra ela a assustassem, Juana batia de frente e seguiu rebatendo em seus escritos.

Através da “*Respuesta*” podemos vislumbrar o quanto a “*Carta Atenagórica*” foi polêmica, tendo em vista que, através da resposta endereçada ao Bispo de Puebla, é possível tomar conhecimento que vários clérigos se intrometeram e atacaram Juana com

furor, ignorando a sua posição de religiosa, já que a posição de ser uma mulher não despertava respeito de qualquer modo, então não podemos sequer considerá-la.

O tempo de escrita entre as publicações foi curto, já que a “*Carta Atenagórica*” foi escrita no final de novembro de 1690 e a “*Respuesta*” em 1º de março de 1691.

De acordo com Paz (2017) a “*Respuesta*” é um documento único na história da literatura hispânica, pois é um relato dos desejos diários do mesmo espírito que Juana descreve em “*Primero sueño*”, só que nessa escrita complementar a linguagem é direta e familiar, sendo como um modelo narrativo de “*Primero sueño*”.

A longa carta-resposta endereçada a Sor Filotea – pseudônimo do bispo Manuel de Santa Cruz- é não somente uma resposta completa sobre as críticas que recebeu, como também é a obra mais valiosa de Juana, pois também é um documento autobiográfico, repleto de informações que ajudam a desvendar e compreender tanto a vida, quanto a obra de Juana. Além de ser uma defesa do seu sexo, em vista que Juana percebe que foi atacada por ser mulher, e ela consegue uma brecha para defender não só a si mesma, como também para defender os interesses das mulheres no geral.

A *Respuesta* inicia com dois parágrafos longos e desenvolvidos, como se fosse um prefácio ensaiado daquilo que ela tanto pensara em redigir e expor. Em seguida Juana escreve:

Ni al primer imposible tengo más que responder que no ser nada digno de vuestros ojos; ni al segundo más que admiraciones, en vez de gracias, diciendo que no soy capaz de agradeceros la más mínima parte de lo que os debo. No es afectada modestia, Señora, sino ingenua verdad de toda mi alma, que al llegar a mis manos, impresa, la carta que vuestra propiedad llamó Atenagórica, prorrumpí (con no ser esto en mí muy fácil) en lágrimas de confusión, porque me pareció que vuestro favor no era más que una reconvencción que Dios hace a lo mal que le correspondo; y que como a otros corrige con castigos, a mí me quiere reducir a fuerza de beneficios. (p. 2)

Revelando sua emoção em ter seus “rascunhos” publicados e impressos em sua mão, o que levanta a dúvida sobre ela não saber de fato que sua *Carta* teria sido publicada realmente sem seu conhecimento; mas Juana segue alimentando os rumores, pois não revela a identidade de quem encomendou sua *Carta* e reitera que escreveu a pedido de alguém a quem ela deve obedecer. É possível perceber que com ou sem seu consentimento na publicação da *Carta*, Juana transforma a situação a seu favor, levando com leveza de espírito e aproveitando a oportunidade em dar uma resposta que contenha seu pensamento crítico.

Juana qualifica o ato do bispo como um favor de Deus, pois é como um castigo para sua ingratidão ao não ter escrito mais sobre assuntos relacionados a teologia:

Y así, cuando esto considero acá a mis solas, suelo decir: Bendito seáis vos, Señor, que no sólo no quisisteis en manos de otra criatura el juzgarme, y que ni aun en la mía lo pusisteis, sino que lo reservasteis a la vuestra, y me librasteis a mí de mí y de la sentencia que yo misma me daría --que, forzada de mi propio conocimiento, no pudiera ser menos que de condenación--, y vos la reservasteis a vuestra misericordia, porque me amáis más de lo que yo me puedo amar. (p. 2)

Paz (2017) conclui que Juana aceita a admoestação de Sor Filotea, concluindo a passagem inicial do prelúdio humilde e conciliatório com uma promessa: que irá dedicar-se ao estudo dos Livros Sagrados (promessa que não foi cumprida). E em seguida, Juana parte para sua defesa, aprofundando-se em sua história de vida e tentando justificar seu apreço irrefreável pelas letras e pelo saber.

Dejen eso para quien lo entienda, que yo no quiero ruido con el Santo Oficio, que soy ignorante y tiemblo de decir alguna proposición malsonante o torcer la genuina inteligencia de algún lugar. Yo no estudio para escribir, ni menos para enseñar (que fuera en mí desmedida soberbia), sino sólo por ver si con estudiar ignoro menos. Así lo respondo y así lo siento. (p. 4)

Nesse trecho Juana alega ser ignorante para interpretar os Livros Sagrados, mas bem sabemos que ela era detentora de uma inteligência acima da média e que possuía sim destreza e capacidade de interpretar os escritos sagrados. E segue afirmando que não estuda para escrever e tampouco para ensinar, mas somente para ser menos ignorante, sendo tal afirmação típica de pessoas com agudeza intelectual, já que quanto maior é o saber, maior é a certeza daquilo que ainda não se sabe; e provavelmente esse foi o pensamento que impulsionou Juana desde a infância até o fim da vida: quanto mais ela sabia, mais ela queria saber. E ela afirma no trecho seguinte:

que desde que me rayó la primera luz de la razón, fue tan vehemente y poderosa la inclinación a las letras, que ni ajenas reprensiones --que he tenido muchas-- , ni propias reflejas --que he hecho no pocas--, han bastado a que deje de seguir este natural impulso que Dios puso en mí: Su Majestad sabe por qué y para qué; y sabe que le he pedido que apague la luz de mi entendimiento dejando sólo lo que baste para guardar su Ley, pues lo demás sobra, según algunos, en una mujer; y aun hay quien diga que daña. (p. 4)

Revela que desde quando foi tocada pela luz da razão a sua inclinação pelas letras era tão poderosa que ela não podia deixar de seguir esse impulso, mesmo sendo repreendida por várias pessoas ao longo de sua vida inteira. Juana enxerga o seu afã pelo saber como um impulso natural que Deus imputou em seu ser e diante disso, nem ela e nem ninguém seria capaz de reverter esse impulso. Nesse trecho Juana defende não somente sua paixão

intensa pela literatura, como também defende sua condição de mulher: “(...) deixando só o que basta para guardar sua Lei, pois o demais sobra, segundo alguns, numa mulher”. De acordo com Paz (2017) esses *alguns* a que Juana se refere, eram os mesmos que, dizia o bispo, cometiam “a vulgaridade de reprovar nas mulheres o uso das letras”. Paz também aponta para um ponto que irá aparecer diversas vezes ao longo da *Respuesta*: a contradição entre sua vocação de estudiosa solitária e as obrigações da vida no convento, que eram realizadas de maneira comunitária. Esse ponto aparece pela primeira vez neste trecho:

he intentado sepultar con mi nombre mi entendimiento, y sacrificársele sólo a quien me le dio; y que no otro motivo me entró en religión, no obstante que al desembarazo y quietud que pedía mi estudiosa intención eran repugnantes los ejercicios y compañía de una comunidade. (p. 4-5)

É perceptível que na primeira parte Juana alega querer sepultar no convento o seu nome e seu entendimento, como se fosse uma renúncia à sua inclinação de estudiosa e na segunda parte alega ter vestido o hábito ciente que a vida do convento atrapalharia sua inclinação para ler e estudar. E essa contradição aparecerá diversas vezes ao longo de sua carta. Por vezes parece que Juana se esquecia que se não fosse a vida no convento, ela estaria fadada a uma vida matrimonial, já que esse era o destino de toda mulher naquele tempo; o que seria bem pior no que diz respeito à sua liberdade para dedicar-se plenamente às leituras que lhe aprazia. Dos males o pior, no convento ela ainda conseguiu estudar, talvez nem tanto quanto ela gostaria, mas ainda assim bem mais do que seria possível caso fosse casada e tivesse filhos.

Juana segue a narrativa adentrando em sua vida pessoal e assim podemos vislumbrar boa parte de sua trajetória, graças aos detalhes profundos de sua vida pessoal que narra em *Respuesta*. No parágrafo seguinte é possível saber como aprendeu a ler aos três anos de idade: enganando (ou acreditando enganar, já que a história inventada não era tão crível assim) a professora que dava aula para sua irmã mais velha; mesmo que futuramente fosse descoberta e que pudesse ser castigada. E desde tão pequena é possível notar a característica feminista em Juana, pois era dona de uma personalidade forte que sabia desde sempre o que queria para si, mesmo que fosse passível de punição já que as mulheres não eram detentoras do seu próprio destino e deviam seguir e acatar aquilo que lhe era reservado por seus pais e posteriormente por seus maridos. Mas Juana não deixava se abater por essas imposições e arrumava artimanhas para driblar o que lhe era imposto.

Em seguida Juana disserta sobre sua ideia em ingressar na Universidade vestida de homem:

Teniendo yo después como seis o siete años, y sabiendo ya leer y escribir, con todas las otras habilidades de labores y costuras que deprenden las mujeres, oí decir que había Universidad y Escuelas en que se estudiaban las ciencias, en Méjico; y apenas lo oí cuando empecé a matar a mi madre con instantes e importunos ruegos sobre que, mudándome el traje, me enviase a Méjico, en casa de unos deudos que tenía, para estudiar y cursar la Universidad:(...) (p. 5)

Mesmo com a negativa da mãe para sua ideia mirabolante, Juana jamais recuou em sua dedicação aos livros. Não seria a impossibilidade de estudar em uma universidade que a faria de deixar de lado seu interesse pelo saber. Juana era um espírito livre vivendo em uma época com muitas gaiolas.

Para Josefina Ludmer (2014) o *não dizer que sabe* de Juana é similar tanto no início de sua *Carta*, quando ela justifica sua demora em responder Sor Filotea, e quanto diante de sua mãe, quando já sabia ler e não disse nada. Ludmer diz também:

A autoridade materna e o superior se ligam, assim, estreitamente: são aquelas a quem não se diz, ao bispo por não saber dizer, e à mãe “eu não disse nada, crendo que me bateriam por tê-lo feito sem ordem”. O silêncio constitui o espaço de resistência ante o poder dos outros. (p. 28)

O silêncio de Juana acaba se definindo como um ato de resistência frente àqueles que eram autoridades diante de si. E mesmo com tão pouca idade, ela possuía essa percepção de que era necessário a omissão de seus atos, para que somente assim, sem impeditivos, pudesse realizar aquilo que queria.

A *Carta* segue com as explicações sobre o que a fizeram escolher o caminho religioso:

Entréme religiosa, porque aunque conocía que tenía el estado cosas (de las accesorias hablo, no de las formales), muchas repugnantes a mi genio, con todo, para la total negación que tenía al matrimonio, era lo menos desproporcionado y lo más decente que podía elegir en materia de la seguridad que deseaba de mi salvación; a cuyo primer respeto (como al fin más importante) cedieron y sujetaron la cerviz todas las impertinencias de mi genio, que eran de querer vivir sola... (p. 6)

Professar a fé não foi um impeditivo para que continuasse dedicando-se às leituras que estava habituada a fazer, mesmo que houvesse um abismo entre a vida intelectual e a vida conventual. Muito pelo contrário, no convento Juana se debruça ainda mais nos livros “ler e mais ler, estudar e mais estudar, sem outro mestre senão os próprios livros”. E ainda

questiona como poderia compreender melhor os Livros Sagrados se não possuía acesso às outras ciências. De acordo com Juana era necessário aprender sobre ciências humanas e artes, para alcançar a compreensão mais ampla das escrituras sagradas; o que reafirma seu caráter ardiloso, pois tenta conectar sua paixão genuína pelo saber a algo adquirido (religião) e disserta em sua *Carta* inúmeras ciências que deveriam ser dominadas para que diversos acontecimentos descritos nos Livros Sagrados pudessem ser melhor compreendidos e ainda atribuí, várias vezes, seu interesse pelo saber a algo divino que foi colocado em seu ser. Como se ela mesma não tivesse controle sobre seus interesses literários e sim Deus, afirmando “*Todas las cosas salen de Dios*”.

Juana descreve na *Carta* o quanto se interessava por uma gama de assuntos e mesmo que não entendesse determinada ciência através de um autor, ela buscava outro que poderia ser de melhor compreensão. Paz (2107) define que o ideal do saber em Juana era polígrafo, ou seja, ela cultivava em si uma gama de leituras e também de escrita.

Y así no es disculpa, ni por tal la doy, el haber estudiado diversas cosas, pues éstas antes se ayudan, sino que el no haber aprovechado ha sido ineptitud mía y debilidad de mi entendimiento, no culpa de la variedad. Lo que sí pudiera ser descargo mío es el sumo trabajo no sólo en carecer de maestro, sino de condiscípulos con quienes conferir y ejercitar lo estudiado, teniendo sólo por maestro un libro mudo, por condiscípulo un tintero insensible;(…) (p. 8)

Nesse trecho, Juana também critica a falta de acesso a um professor e a colegas, com quem pudesse discutir e dividir acerca do conhecimento adquirido através de suas leituras. Em tom queixoso, Juana lamenta ter apenas o livro como professor mudo e o tinteiro como colega.

Em seguida, ela passa de sua defesa acerca do desejo em saber à defesa de ter liberdade em escrever versos, sejam eles sagrados ou profanos. Juana discretamente faz um manifesto sobre seus direitos em poder ler e escrever sobre temas que não fossem relacionados à religião, demonstrando mais uma vez sua capacidade em lutar por aquilo que julgava ser um direito básico de toda mulher.

Sua narrativa avança com um paralelo entre a perseguição que Cristo sofreu e a perseguição que ela sofreu, ambos perseguidos por homens. Cristo perseguido por homens invejosos e ela perseguida pela sua paixão ao saber. E do mesmo modo que Cristo foi crucificado, Juana correu o risco de ser morta pela Inquisição por sua devoção às letras:

Yo confieso que me hallo muy distante de los términos de la sabiduría y que la he deseado seguir, aunque a longe. Pero todo ha sido acercarme más al fuego

de la persecución, al crisol del tormento; y ha sido con tal extremo que han llegado a solicitar que se me prohíba el estudio. (p. 13)

Ordenaram-na que não estudasse mais, essa proibição de debruçar-se sobre os estudos durou cerca de três meses. Paz (2017) destaca que esse fato salienta outra característica do caráter de Juana, que a afasta de seus contemporâneos e da tradição hispânica: Juana tinha amor pela experimentação.

Os objetos de uso comum, as sombras paralelas que a cabeceira de uma cama faz sobre a parede, os traços no chão do pião ao girar, tudo o que via e tocava servia-lhe para fazer perguntas e tratar de responder elas. A cozinha também era laboratório *“Que lhe pudiesse contar os segredos naturais que descobri ao cozinhar? (...) Pois que podemos saber as mulheres a não ser filosofias de cozinha?”* (p. 499)

Em tom irônico ela reflete *“Y yo suelo decir viendo estas cosas: Si Aristóteles hubiera guisado, mucho más hubiera escrito”*, ou seja, se Aristóteles tivesse cozinhado, muito mais teria escrito. A ironia está em várias camadas, já que cozinhar é um ato comumente desempenhado por mulheres e escrever um ato desempenhado pelos homens, que sequer possuem tantas experimentações quanto uma mulher. Para os homens ficou reservado o direito de expressar suas ideias, mesmo que seus campos do saber sejam limitados. E caso a mulher tivesse a possibilidade de desempenhar os campos reservados exclusivamente aos homens, elas o fariam melhor, pois possuem experiências em saberes diversos.

Juana então adentra nas inúmeras mulheres que lhe serviram de inspiração nos estudos, começando pelas figuras femininas dos Livros Sagrados

Veo tantas y tan insignes mujeres: unas adornadas del don de profecía, como una Abigaíl; otras de persuasión, como Ester; otras, de piedad, como Rahab; otras de perseverancia, como Ana, madre de Samuel; y otras infinitas, en otras especies de prendas y virtudes. (p. 14)

E em seguida parte para outros exemplos de mulheres da Antiguidade Clássica até suas contemporâneas. Paz (2017) ressalta que boa parte das mulheres mencionadas por Juana, faziam parte da Antiguidade pagã, como Hipatia de Alexandria, que ensinou astrologia. E uma freira citando esses nomes da cultura pagã provoca perplexidade; ainda evidencia que entre a figura de Hipatia e Juana haviam muitas semelhanças, que provavelmente foram notadas pela freira. Ambas eram jovens, belas, castas e sábias e ambas foram perseguidas por suas características fora do padrão.

Após sua extensa lista com figuras femininas “doutas” e capazes de ler, escrever e pensar a respeito de todo e qualquer tipo de assunto, Juana adentra na questão que sempre permeava suas ideias: as mulheres podem interpretar e ensinar as Escrituras Sagradas? Mesmo sabendo que São Paulo tinha uma opinião contrária à sua “*Que as mulheres calem nas igrejas, porque não lhes é dado falar*”. Mesmo ciente da posição oposta do apóstolo Paulo, Juana possui sua própria interpretação acerca da possibilidade de ser permitido que mulheres possam estudar, interpretar e ensinar a Escritura Sagrada:

y al fin resuelve, con su prudencia, que el leer públicamente en las cátedras y predicar en los púlpitos, no es lícito a las mujeres; pero que el estudiar, escribir y enseñar privadamente, no sólo les es lícito, pero muy provechoso y útil; claro está que esto no se debe entender con todas, sino con aquellas a quienes hubiere Dios dotado de especial virtud y prudencia y que fueren muy provectas y eruditas y tuvieren el talento y requisitos necesarios para tan sagrado empleo. (p. 15)

Há somente a condição de não ser nos púlpitos das igrejas, mas em outros lugares privados. Novamente defende que é impossível haver profundo entendimento das Escrituras Sagradas sem que haja o estudo de outros assuntos, tais como a história, a aritmética, a retórica, a música, entre outros; ampliando a ideia do conhecimento múltiplo não somente para as mulheres, para os homens também, que julgam saber e que por vezes devem interpretar erroneamente alguma passagem das Escrituras Sagradas pela ignorância daquilo que todos deveriam saber:

Y esto es tan justo que no sólo a las mujeres, que por tan ineptas están tenidas, sino a los hombres, que con sólo serlo piensan que son sabios, se había de prohibir la interpretación de las Sagradas Letras, en no siendo muy doctos y virtuosos y de ingenios dóciles y bien inclinados; porque de lo contrario creo yo que han salido tantos sectarios y que ha sido la raíz de tantas herejías. (p. 15-16)

Para Juana não bastava defender seus interesses, ela buscava defender o coletivo e ter acesso aos estudos, em sua concepção, era algo básico e extremamente necessário para cessar com toda ignorância que permeava a sociedade em que vivia. É interessante observar que ela não alimentava a rivalidade entre os gêneros, ela expunha as limitações das mulheres comparadas com os homens e que até mesmo os homens deveriam ter mais acesso ao saber, talvez pensasse que desse modo os homens compreenderiam que as mulheres eram aptas para muitas atividades das quais eram excluídas.

Juana segue se defendendo na *Carta*:

Si el crimen está en la Carta Atenagórica, ¿fue aquélla más que referir sencillamente mi sentir con todas las venias que debo a nuestra Santa Madre Iglesia? Pues si ella, con su santísima autoridad, no me lo prohíbe, ¿por qué me lo han de prohibir otros? ¿Llevar una opinión contraria de Vieyra fue en mí atrevimiento, y no lo fue en su Paternidad llevarla contra los tres Santos Padres de la Iglesia? Mi entendimiento tal cual ¿no es tan libre como el suyo, pues viene de un solar? (p. 19)

Afinal, se a Igreja não a proibia de escrever por que os homens a proibirão? Sendo assim, não foi um crime escrever a “*Carta Atenagórica*”. Ainda cita nomes de mulheres santas que escreveram poesia, de modo que justifique sua escrita e não a condenem como pecadora, herege ou coisa assim. E reitera:

Demás, que yo nunca he escrito cosa alguna por mi voluntad, sino por ruegos y preceptos ajenos; de tal manera, que no me acuerdo haber escrito por mi gusto sino es un papelillo que llaman El Sueño. Esa carta que vos, Señora mía, honrasteis tanto, la escribí con más repugnancia que otra cosa; y así porque era de cosas sagradas a quienes (como he dicho) tengo reverente temor, como porque parecía querer impugnar, cosa a que tengo aversión natural. (p. 21)

Novamente argumenta que “*Além disso, nunca escrevi coisa alguma por minha vontade, mas por rogos e preceitos alheios*”. E ressalta que somente escreveu com o gosto o “*papelzinho que chamam El sueño*”.

Juana finaliza a *Respuesta* com uma escrita corrida, com algumas repetições, como se não soubesse como finalizar seu texto, talvez por ainda ter muita coisa perpassando em sua cabeça que julgasse necessário dizer, mas não encontrasse mais como dizê-lo, talvez em decorrência da rapidez com que escreveu a *Respuesta*. Juana agradece e se despede, concluindo assim sua “*Respuesta a sor Filotea de la Cruz*”, que não é somente uma justificava para àqueles que a condenaram por sua “*Carta Atenagórica*” mas também sua defesa pela paixão aos estudos e pelos direitos de todas as mulheres a terem acesso aos estudos sejam eles sagrados ou profanos.

3. O FEMINISMO EM SÓR JUANA

O feminismo é um movimento político-social que ganhou força no século XIX com a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Apesar do movimento possuir sua

maior onda no século XIX, há indícios de lutas pelos direitos das mulheres em épocas anteriores ao século XIX.

Dora Barrancos (2022) afirma:

(...) é conveniente nos referirmos no plural aos “feminismos” para apresentar as agências que batalharam para tornar possíveis as mudanças da condição subalterna forjada pelo sistema patriarcal. (p. 19)

Ou seja, precisamos compreender o feminismo como um movimento plural, repleto de camadas em diversos recortes de tempo ao longo da História, para que não haja generalizações limitadas acerca do movimento que é fundamental nas batalhas que as mulheres enfrentam desde os primórdios, sempre em busca de dignidade e igualdade dentro da sociedade.

O feminismo é classificado em ondas, sendo a primeira onda que surgiu datada do século XVIII na Europa, com a luta pela igualdade aos direitos políticos e trabalhistas. Já no século XX a onda mais forte do feminismo ocorreu nos Estados Unidos, reforçando a pauta inicial e acrescentando demandas que até então não eram pautas sociais, tais como a violência sexual sofrida pelas mulheres.

O reconhecimento dessas principais ondas do feminismo se dá em decorrência da grande mobilização de diversas e múltiplas mulheres lutando por pautas únicas; ou seja, uma grande massa feminina mobilizada para reclamar a existência e o cumprimento de seus direitos.

Por trás dessas grandes ondas do feminismo, houve mulheres que foram precursoras dos fundamentos básicos da luta pela igualdade e por mais que não pertencessem à uma massa de mulheres, mesmo estando em número reduzido ou até mesmo sozinhas, conseguiram ecoar suas vozes em defesa da mulher e dos seus direitos; é o caso de Sór Juana, que mesmo pertencendo à uma época distante do século em que o feminismo ganharia força, ainda assim conseguiu fazer barulho e incomodar diversos homens de seu tempo. Sempre em defesa das mulheres terem acesso à educação, algo tão básico, mas que até poucos anos atrás, algo que a mulher só conseguia ter com autorização do pai ou do marido. Dora Barrancos (2022) afirma que apesar dos projetos coletivos emancipatórios tenham surgido somente no século XIX, anteriormente à essa época, houve mulheres que ecoaram suas vozes e fizeram fissuras no tecido patriarcal, e sem dúvidas Juana foi uma dessas mulheres, pois desde sua infância buscou meios de debruçar-se sobre os livros de seu avô

e mergulhar no campo das ideias, um lugar que parecia inacessível para as mulheres no aspecto geral, mas sobretudo para as mulheres de seu tempo.

Ludmer (2014) afirma que com sua *Respuesta* Juana construiu uma polêmica erudita, pois Juana elabora sua escrita em uma carta que parece apenas uma resposta ingênua, construída em sua defesa, mas que possui tantas camadas e informações que ela abre espaço em uma fenda para expor seu pensamento extremamente crítico em relação ao modo como as mulheres são excluídas de diversas práticas comuns aos homens. Além de traçar sua explicação para tais atitudes em um viés totalmente biográfico, onde por diversas vezes deixa escancarado seu estilo subversivo desde que se entende como pessoa. Ludmer também afirma que os gêneros menores, tais como cartas, autobiografias e diários são o campo preferido da literatura feminina, ou seja, é através dos gêneros da realidade que as mulheres encontravam brechas para produzir literatura sem que fossem condenadas por tal ato. E foi nessas brechas que Juana conseguiu produzir sua literatura sem que fosse condenada à Inquisição.

Barrancos (2022) elucida que os feminismos latino-americanos não coincidiram com os movimentos norte-americanos ou europeus, mas que oferecem um divisor de águas. E mesmo que sejam movimentos distintos em alguns aspectos, todos esses movimentos se unificam no sentido geral de sua causa: os direitos das mulheres. É possível pensar que mesmo de fora de uma determinada esfera do movimento como um todo, mulheres que estiveram a frente de seu tempo, em menor escala ou até mesmo solitárias em suas lutas, conseguiram esboçar sua força e servir de exemplo e força para algo maior e mais forte que estava por vir. E talvez sem o esforço dessas mulheres que lutaram sozinhas ou em escala reduzida, talvez o movimento feminista não tivesse tido inspirações tão fortes e impulsionadoras para que suas grandes ondas surgissem.

A *Respuesta* de Juana serve como exemplo para enaltecer a força da mulher, mesmo em um tempo em que mulheres não possuíam espaço e voz, pois denota toda a agudeza intelectual de uma mulher que não hesitou em enfrentar autoridades de seu tempo, autoridades essas que se municiavam com os Livros Sagrados para repreender, reduzir e silenciar as mulheres. E então Juana se dispõe a rebater às repreensões que sofria somente por ser uma mulher pensante. Fica notório a força que moveu e move grandes mulheres até os dias atuais. Somente uma outra mulher pode captar a magnitude da força de uma mulher perante os homens que tentaram - e ainda tentam -, cercear as mulheres em diversos aspectos, seja nos séculos passados ou no século atual.

Paz (2017) descreve com fineza o aspecto feminismo em Juana:

A negação do casamento está ligada à outra causa, que me parece decisiva. Desde o princípio, quando lia às escondidas os livros do avô, agiram sobre ela a transposição e a transmutação de suas inclinações: o amor ao saber é a outra face, a face positiva, de sua negação do casamento. Não quer casar porque quer saber. Ama o saber. Sobre os motivos de sua repugnância ao estado matrimonial, é evasiva; ao contrário, expande-se com uma efusão não isenta de coqueteria quando fala de sua sede de conhecer. O processo de masculinização se confunde com o de aprendizagem: para saber é preciso ser homem, ou parecer sê-lo. A ideia de se disfarçar de homem, cortar o cabelo, enfim, neutralizar sua sexualidade sob o hábito de freira, são sublimações, ou melhor, traduções de seu desejo – quer se apoderar dos valores masculinos porque quer ser *como* um homem. Esse *como* é a ponte e, simultaneamente, o signo da distância insalvável. Por isso, num segundo momento do processo, destrói a ponte, volta-se contra os homens, defende as mulheres e antecipa o feminismo moderno. (p. 140)

Em todas as narrativas de Juana acerca de sua infância e sua paixão pelo saber, fica claro que desde sempre ela compreendia que o acesso aos estudos era reservado aos homens, enquanto às mulheres estava reservado o direito de casar e ter filhos, além de passar longe das escolas e universidades. Juana sabia, desde tenra idade, que para ter acesso aos livros era preciso ser homem e talvez isso explique sua atitude de cortar o próprio cabelo bem curto, em uma tentativa um tanto quanto desesperada de transfigurar-se em homem. Além de ter suplicado à mãe que a deixasse frequentar a universidade vestida de homem. Desde sempre Juana sabia que o saber estava destinado aos homens e que as mulheres só poderiam acessá-lo burlando o sistema e por isso tentava, desde pequena, encontrar um jeito de infiltrar-se nos espaços que lhe daria acesso aos estudos, mesmo que isso custasse perder a sua feminilidade.

Após perceber que a ideia de cortar o cabelo ou de vestir-se como um homem era ingênuo demais e que jamais funcionaria como um passe de entrada para àquilo que ela queria tanto acessar, Juana decide impor-se como mulher em sua essência pura. E mesmo que sua posição religiosa como freira fosse limitada, ela faz uso de sua posição para não somente acessar os livros que tanto lhe atraíam, mas também para se impor pelas mulheres de maneira geral, sempre requisitando acesso aos estudos.

Dora Barrancos (2022) afirma que no México houve um emaranhado de feminismos precoces e descreve o feminismo de Sor Juana:

O México oferece uma figura singular que precedeu a insurgência feminina em toda a região: Juana Inés de Asbaje y Ramírez de Santillana, conhecida como Sor Juana Inés de la Cruz. Essa freira inconformista, nascida em 1648, se serviu da escrita, pois escrever foi uma experiência de gozo e de escape para as que puderam se alfabetizar. Era muito comum que as mulheres criassem pontes com a escrita no regime de isolamento religioso, como já se evidenciou em relevantes pesquisas, de modo que esse aspecto não é o excepcional, mas sim

o fato de Juana Inés ter se desenvolvido com notável aptidão em vários gêneros literários e alfinetado sem meias-palavras a condição das congêneres. Parece indiscutível que a célebre freira estava longe de um sermão a favor dos direitos das mulheres – não existia movimento semelhante no século XVII -, mas foi uma crítica sagaz da conduta dos homens, de sua hipocrisia e também de suas limitações intelectuais e morais. (p. 55)

Apesar de não haver uma trilha já traçada do feminismo, algo que só existiu a partir do século XIX, ainda assim Juana possuía a audácia em sua escrita, de modo que conseguia confrontar e incomodar os homens de seu tempo. Barrancos ainda afirma que não importa qual tenha sido o período recortado, os movimentos de direitos das mulheres no México representaram uma enorme roldana para os feminismos na América Latina.

Em suma, Juana foi uma peça pequena no gigante quebra-cabeça do retrato histórico do movimento feminista latino-americano. Mas, ainda assim, uma pequena peça de extrema importância e referência para àquelas que viriam após sua existência.

A vida e a obra de Juana é um marco na história mexicana pois é complexa, densa, intelectual e audaciosa. E foi esse misto de qualidades acima da média que conferiram à freira sua notoriedade em seu tempo e para além de seu tempo, transformando-a em ícone e referência de uma figura feminina de extrema relevância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua jornada de vida, Juana Inés de la Cruz, foi uma mulher de inteligência aguçada e curiosidade elevada, que buscou diversos mecanismos de acessar os livros e o campo do saber, algo que não era viabilizado para as mulheres de seu tempo. E mesmo que ter acesso ao saber significasse que seria necessário fazer esforços, Juana não se intimidava e fazia o que fosse preciso.

Juana destacou-se no campo da escrita por sua produção acima da média no período Barroco, e sem dúvidas sua escrita é fruto de uma mente que estava em polvorosa desde sua infância. Além disso, seu destaque perdura até os dias atuais e se perpetuará por toda a história devido ao seu posicionamento social e político em um tempo onde mulheres sequer deveriam pensar, quem dirá expor em voz alta seus pensamentos.

Em sua *Respuesta a sor Filotea de la Cruz*, Juana utiliza sua capacidade intelectual na escrita com a finalidade de defender-se e argumentar acerca das acusações que sofreu sobre sua *Carta Atenagórica*. E a *Respuesta* não serve apenas como uma resposta explicativa ou que justifique seu texto anterior, mas sim como uma espécie de produção autobiográfica que expõe todos os passos de sua vida que a levaram ao campo do saber. O que nos revela ainda mais a perspicácia de Juana, pois utiliza o espaço de uma carta para produzir algo que acaba por revelar mais do que necessário, algo que talvez não pudesse ser publicado sem que fosse por esse mecanismo de uma carta resposta.

Desse modo Juana não apenas responde o bispo Puebla, como também cria uma narrativa de extrema importância para que pudesse expor sua vida e suas motivações, de modo que ficasse para os anais da história uma biografia que serviria de base para uma compreensão mais profunda de suas outras produções literárias.

Além disso, Juana utiliza seu espaço e sua voz em *Respuesta* para expor as injustiças e silenciamento que diversas mulheres sofreram ao longo da história apenas por serem mulheres. Incluindo até mesmos as figuras femininas dos Livros Sagrados. Juana também reserva um espaço em sua carta para tecer e defender a ideia de que as meninas e mulheres deveriam ter acesso aos estudos, para que pudessem atingir o conhecimento através da

educação e que pudessem utilizar dessa sabedoria adquirida para também ensinar sobre os Livros Sagrados.

Debruçando-se um pouco sobre a figura de Juana, tanto em sua vida, quanto em sua obra, é possível notar que ela foi uma mulher bem a frente de seu tempo e que possuía em si características marcantes e dissonantes daquelas que viviam em sua época. E não é necessário um mergulho profundo para perceber que Juana, mesmo em um século distante do boom do movimento feminista, era uma feminista já em seu tempo, mesmo que sequer o termo tivesse sido alcunhado.

Conclui-se assim que, mesmo em um período da história tão conservador, repleto de homens empenhados em subjugar e reduzir mulheres àquilo que lhes fosse conveniente, ainda assim Juana conseguiu destacar-se como uma figura feminina de suma importância não apenas para a história de seu país e da América Latina, mas também como o marco de um movimento que viria à tona séculos mais tarde, sendo uma feminista a frente de seu tempo não apenas pelo seu desejo insaciável pelo saber, mas também pelas pautas que levantava em prol das mulheres de modo abrangente.

Se Juana foi a primeira feminista das Américas, como afirma Dorothy Schons, é difícil afirmar e confirmar; mas não é difícil perceber e afirmar com toda certeza que, de fato, Juana foi uma feminista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRANCOS, Dora. História dos feminismos na América Latina. Trad. Michelle Strzoda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CRUZ, Sor Juana Inés de la. Respuesta a Sor Filotea de la Cruz. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5965465/mod_resource/content/1/La%20respuesta.PDF Acesso em: 08 de julho de 2023.

LUDMER, Josefina. Intervenções críticas. Trad. Ariadne Costa e Renato Rezende. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

PAZ, O. Sor Juana Inés de la Cruz ou As Armadilhas da Fé. trad. Wladir Dupont. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SCHONS, Dorothy. Some Obscure Points in the Life of Sor Juana Inés De La Cruz [Alguns pontos obscuros na vida de Sor Juana Inés de la Cruz]; *Modern Philology*, v. 24, 1926.